

GILLETTE BORGONHA — ATO 3

Borgonha — França
ATO 3 — A última colheita

As histórias nunca são as mesmas, porque os momentos em que elas se encontram nunca são os mesmos. Os lugares mudam. As estações mudam. As pessoas mudam. E, quando as mulheres cruzam o caminho delas, a previsão perde todo o valor.

Contei esta história algum tempo atrás. Hoje quero contá-la de novo com mais intensidade, quase como uma conversa comigo mesmo—um chamado da memória, uma voz que continua batendo à porta do tempo, me lembrando não só do que foi, mas talvez do que ainda possa ser.

ATO 3 — A ÚLTIMA COLHEITA

Com Sabine ao meu lado, o futuro já não parecia distante.

Tinha se tornado um lugar.

Olhei para os vinhedos e imaginei novas estações. Pensei nos meus filhos, nos filhos deles e no que pudesse restar quando eu já não tivesse forças para percorrer a propriedade a cavalo. Durante muitos anos eu tinha corrido atrás do trabalho.

Responsabilidades.

Desafios.

Resultados.

Tinha atravessado países, construído negócios, conhecido vitórias e derrotas.

E, no entanto, a serenidade parecia ter escolhido aquele canto da Borgonha e a mulher que o tempo, inesperadamente, tinha me devolvido.

Sabine caminhava ao meu lado entre as videiras.

Falávamos pouco.

Depois de certa idade você descobre que o silêncio muitas vezes diz a verdade com mais clareza do que as palavras. Os dias corriam com uma simplicidade que eu mal me lembrava de ter conhecido.

O vinho amadurecia devagar nos barris.

Os vinhedos seguiam suas estações.

Os cavalos corriam soltos pelos campos.

Meus filhos vinham me visitar com mais frequência.

E, pela primeira vez em muitos anos, olhei para a minha vida sem sentir necessidade de mudar nada.

E o vinho?

Bem, os romanos já tinham respondido a isso.

In vino veritas.

No vinho está a verdade.

As máscaras caem.

As mentiras enfraquecem.

Até os sentimentos enterrados acabam encontrando coragem para falar.

Era assim que eu imaginava a minha nova vida.

A Borgonha.

Os vinhedos.

Os cavalos.

Sabine.

Meus filhos por perto.

Eu, a cavalo entre as fileiras, conferindo a poda, estudando como a luz do sol tocava as videiras.

Tudo parecia enfim no seu lugar.

E eu tinha chegado aos noventa e um anos.

Noventa e um.

Uma idade em que um homem acredita já ter visto o bastante para não se surpreender com mais nada.

Eu estava enganado.

Porque nunca esperei ouvir outro carro subindo a longa alameda de entrada da propriedade. Outro carro.

Outra mulher.

Outro rapaz.

O veículo diminuiu a velocidade e parou a poucos metros de nós.

Olhei para Sabine.

Olhei para o carro.

Olhei para o rapaz que descia.

Por um breve instante, tive a sensação absurda de que a vida estava repetindo uma cena que eu já tinha vivido. A mulher fechou a porta e ficou imóvel, estudando a casa.

Depois olhou para mim.

Trazia a expressão de quem não tinha chegado ali por acaso.

A expressão de quem tinha passado anos procurando.

Senti Sabine se retesar ao meu lado.

Eu também não conseguia me mexer.

A mulher deu alguns passos à frente.

O rapaz ficou perto dela.

Ela me observou com atenção.

Atenção demais.

Como se buscasse uma confirmação.

Como se tentasse recuperar algo de que tinha ouvido falar a vida inteira.

Por fim, sorriu.

Um sorriso suave.

Quase melancólico.

Então fez uma única pergunta.

“O senhor é Ferdinando Frega?”

Não atendi de imediato.

O medo nem sempre vem do que não conhecemos.

Às vezes vem do que podemos reconhecer.

A Borgonha estava em silêncio ao nosso redor.

Os vinhedos respiravam sob a luz que se apagava.

Ninguém falou.

Nem Sabine.

Nem o rapaz.

Nem eu.

Porque naquele momento entendi algo que noventa e um anos não tinham conseguido me ensinar. A vida raramente fecha suas contas pendentes.

Ela as guarda.

Protege.

Deixa que amadureçam devagar, como vinho repousando num barril.

Depois, justo quando acreditamos que a história está terminando, ela abre uma porta que pensávamos lacrada para sempre.

Uma lembrança.

Uma pergunta.

Um arrependimento.

Uma mulher.

Talvez um filho.

Talvez um velho amor.

Ou talvez uma verdade que precisou de uma vida inteira para chegar até nós.

Fiquei imóvel.

Com Sabine ao meu lado.

Com aquela mulher à minha frente.

Com dois rapazes que pertenciam a histórias diferentes—ou talvez à mesma.

E, pela primeira vez, não senti urgência nenhuma de saber a resposta.

Porque entendi que o destino não tinha vindo fechar o livro.

Tinha vindo acrescentar mais uma página.

E talvez, naquele fim de tarde no coração da Borgonha, o capítulo mais importante de todos estivesse apenas começando.

Ferdinando